



A FILHA DO MEIO

Kelly Cristina Silva Barros¹

Jonatas José Batista Pereira²

Williany Tainá da Silva Francisco³

Numa casinha de madeira simples, mas cheia de vida, morava uma menina sonhadora com seus pais e seus dois irmãos. Ela era a filha do meio — e, ao contrário do que muitos costumam pensar, não era esquecida nem deixada de lado. Pelo contrário, era muito amada por todos, talvez até um pouquinho mais mimada, por causa do seu jeito doce, sincero e extremamente responsável.

Desde pequena, a menina demonstrava um olhar curioso sobre o mundo. Gostava de observar as pessoas, prestar atenção nos detalhes e imaginar histórias a partir de tudo o que via. Era daquelas crianças que encontrava alegria nas coisas simples: uma tarde no quintal, uma conversa com a mãe ou até mesmo um momento sozinha, pensando na vida.

Além disso, a menina gostava de brincar no quintal inventando suas próprias histórias. Às vezes, transformava aquele espaço simples em um grande cenário de aventuras. Um dia era uma exploradora, no outro uma professora ensinando seus irmãos, e em outros momentos apenas uma criança correndo livremente, sentindo o vento no rosto e rindo sem preocupações. Essas brincadeiras ajudavam a desenvolver sua imaginação e a tornavam ainda mais criativa.

Na escola, era participativa e sempre muito animada. Adorava aprender coisas novas e se envolvia em todas as atividades propostas. Quando surgia uma apresentação, era a primeira a se voluntariar. Ensaiaava com dedicação, repetia as falas várias vezes e ficava contando os dias para o grande momento. Sua mãe, sempre presente, acompanhava tudo com orgulho. Nos dias de apresentação, fazia questão de arrumar seus cabelos com carinho, criando penteados diferentes e escolhendo roupas que a deixassem ainda mais especial. Aqueles momentos eram simples, mas cheios de significado.

Mesmo sendo dedicada, nem sempre tudo era fácil. Havia dias em que sentia insegurança, medo de errar ou de não conseguir fazer algo como gostaria. Mas, ainda assim, não desistia. Respirava fundo, reunia coragem e tentava novamente. Aos poucos, foi

¹ Discente do curso de pedagogia da Unifimes: kellycristinasilvabarros8@gmail.com

² Discente do curso de Educação Física da Unifimes

³ Discente do curso de pedagogia da Unifimes



aprendendo que errar também fazia parte do aprendizado e que cada tentativa a deixava mais forte e confiante.

A casa onde moravam parecia uma pequena chácara. O quintal era amplo e cheio de vida. Havia pés de frutas que, em determinadas épocas, enchiam o ambiente de cores e sabores. As galinhas andavam soltas, ciscando pelo chão, e às vezes vacas apareciam por perto, vindas do sítio vizinho. Era um lugar simples, mas muito acolhedor — um verdadeiro refúgio para aquela família.

No começo, a casa tinha apenas dois cômodos, o que exigia criatividade para acomodar todos. Os pais, com muito esforço, improvisaram uma divisão usando um guarda-roupa, separando os espaços da melhor forma possível. Não era uma solução perfeita, mas era suficiente. Com o passar do tempo, o pai conseguiu construir mais dois cômodos. Cada parede levantada representava uma conquista, um passo importante para melhorar a vida da família.

Apesar de morar em um bairro simples, muitas vezes criticado por outras pessoas, a menina nunca se sentiu inferior. Para ela, aquele lugar era especial. Era onde estavam suas memórias, suas brincadeiras, sua família. Sua mãe fazia de tudo para que nada faltasse. Mesmo enfrentando dificuldades, conseguia proporcionar momentos felizes: comprava brinquedos, bonecas, uma bicicleta e, quando foi possível, até um celular. Não eram apenas objetos — eram demonstrações de amor.

Com o passar dos anos, a menina começou a enxergar a realidade de forma mais madura. Passou a perceber o esforço diário da mãe, o cansaço no fim do dia e, ainda assim, a força para continuar. Isso despertou nela uma admiração profunda. Sua mãe se tornou seu maior exemplo de coragem, dedicação e amor.

Em muitos momentos, a menina se perguntava como sua mãe conseguia dar conta de tudo. Era como se tivesse uma força que nunca acabava. Mesmo cansada, sempre encontrava um jeito de sorrir, de acolher e de seguir em frente. Foi observando esses pequenos gestos que a menina aprendeu, sem perceber, o verdadeiro significado de ser forte.

Sendo a filha do meio, acabou assumindo naturalmente um papel importante dentro de casa. Era aquela que ajudava, que cuidava, que aconselhava. Sempre estava atenta ao que acontecia ao seu redor. Se um irmão precisava de ajuda, lá estava ela. Se a mãe precisava conversar, ela ouvia com atenção. Sua presença era constante e significativa.

Ser a filha do meio também significava aprender a dividir — dividir atenção, espaço, momentos e até sentimentos. No começo, isso parecia difícil, mas com o tempo ela entendeu que dividir também era uma forma de amar. Aprendeu a ter empatia, a se colocar no lugar do outro e a valorizar cada pequena demonstração de carinho dentro de casa.



A relação com a mãe era algo especial. Mais do que mãe e filha, eram grandes amigas. Compartilhavam conversas, segredos, risadas e até preocupações. Nos finais de tarde, gostavam de sentar juntas e falar sobre o dia. Às vezes eram conversas simples, mas cheias de ensinamentos. Era nesses momentos que a menina aprendia sobre a vida, sobre escolhas e sobre o valor da família.

O tempo foi passando, e com ele vieram mudanças. A menina cresceu, amadureceu e passou a entender ainda mais a importância de tudo o que viveu. Cada dificuldade enfrentada, cada conquista alcançada, cada momento compartilhado — tudo contribuiu para formar quem ela estava se tornando.

Aquela casinha de madeira, que muitos poderiam ver apenas como simples, era, na verdade, um lugar cheio de histórias. Cada canto guardava uma lembrança, cada parede carregava um pedaço da vida daquela família. Era ali que sonhos nasciam, que valores eram ensinados e que o amor se fazia presente todos os dias.

A menina aprendeu que felicidade não está nas coisas materiais, mas nos momentos vividos, no carinho recebido e na união familiar. Aprendeu que, mesmo diante das dificuldades, é possível ser feliz quando se tem amor ao redor.

Com o passar dos anos, as lembranças daquela infância foram se tornando cada vez mais valiosas. Cada detalhe, por mais simples que parecesse, carregava um significado especial. O cheiro da casa, os sons do quintal, as conversas ao fim do dia — tudo isso se transformou em memórias que aqueciam o coração.

Ser a filha do meio nunca foi um problema. Pelo contrário, foi o que a tornou forte, sensível e responsável. Ela aprendeu a equilibrar, a cuidar e a compreender. Descobriu que seu papel era essencial dentro da família.

E assim, naquela casinha simples, mas cheia de significado, crescia uma menina que carregava consigo valores que levaria para a vida toda. Uma menina que aprendeu, desde cedo, o verdadeiro sentido da palavra família.

A filha do meio não era apenas mais uma. Ela era o elo que unia, o apoio silencioso e o coração que ajudava a manter tudo em equilíbrio.

E mesmo que o tempo passasse, que a vida seguisse por novos caminhos, aquela casinha e tudo o que ela representava permaneceriam para sempre dentro dela — como um lembrete de onde veio e de tudo o que a fez ser quem é.